

# ESPECULAR



Nº 010

## Os Lugares Assombrados e os Fenômenos Paranormais

**APRESENTAÇÃO** por  
Thainá Christine

**CONTO** por Mateus de Moraes  
“Sacrifício”, um conto sombrio que mergulha na atmosfera sinistra de uma aldeia assombrada por mortes misteriosas.

**RELATO** por Amanda Ribeiro  
Quem explica os vultos?

**CONTO** por Matheus Maciel  
“A longa noite de seis silêncios”, um conto sombrio que mergulha na atmosfera sinistra de uma aldeia assombrada por mortes misteriosas.

**ENSAIO** por Tales B. Pain  
Os temas sobrenaturais em “A Viagem de Chihiro”



**p.03**

***Apresentação***

por THAINÁ CHRISTINE

**p.05**

***Sacrifício***

conto por MATEUS DE MORAIS

**p.11**

***Quem me  
explica os vultos?***

relato por AMANDA RIBEIRO

**p.15**

***A longa noite de seis  
silêncios***

conto por MATHEUS MACIEL

**p. 23**

***Os temas sobrenaturais em  
“A Viagem de Chihiro”***

ensaio por TALES B. PAIM

# AQUILO QUE ME ASSOMBRA

apresentação por  
Thainá Christine

Eu poderia dizer que o meu amor pelo gênero terror vem desde pequena, mas não é bem assim. Aos 8 anos, minha mãe me apresentou ao gênero com o filme *Freddy vs Jason*, em 2003, e eu me senti extremamente assustada. Era difícil dormir ao pensar que o Freddy poderia vir atrás de mim nos sonhos, e era tão difícil quanto ficar sozinha em casa ao pensar que o Jason poderia derrubar o portão de ferro para acabar comigo, mesmo que eu ainda não fosse uma adolescente e nem pensasse em namoro.

Também não me interessei pelo gênero no início da adolescência. Naquela época, eu estava mais interessada na música, então meus gostos se resumiam a bandas de rock que eu sonhava um dia assistir ao vivo. Eu me identificava com as letras, por isso era o meu refúgio no momento.

Porém, ao conhecer a série *Supernatural*, lá no final do Ensino Fundamental, eu percebi duas mudanças em mim: primeiro, a faísca e a curiosidade pelo terror nascendo; e segundo o meu medo de fenômenos paranormais. O episódio da Bloody Mary é um dos meus maiores traumas, inclusive.

Mas não para por aí. Talvez o trauma tenha começado ao assistir na escola *Espíritos - A Morte Está ao Seu Lado*, em algum Halloween em que a professora achou isso uma ótima ideia. A imagem daquele espírito nos ombros do homem reverbera nas minhas dores nas costas até hoje.

Por isso, ao mesmo tempo em que sempre achei um máximo histórias que envolvem um grupo de caçadores de fantasmas (ou apenas amigos com ideias idiotas) entrando em um lugar abandonado, que é conhecido por suas inúmeras mortes brutais, também sinto um tremendo arrepio ao visualizar as cenas que trazem a tona esses mortos translúcidos.

Além de *Espíritos*, filmes como *13 Fantasmas*, *O Chamado*, *O Exorcista*, *A Entidade*, independentemente da qualidade cinematográfica e de seus efeitos visuais, aumentaram aos pouquinhos o meu medo de narrativas assombradas e com fenômenos paranormais.

Entretanto, o único problema é que não consigo parar de consumir esses conteúdos. As mãos suam, os pés gelam e sinto o corpo arrepiar só de imaginar esses vilões, mas a curiosidade e o amor pelo gênero sempre falam mais alto e me convencer a embarcar nessas histórias.

Com isso, percebo que o meu medo se pauta muito no real. É fácil ler um livro sobre cenobitas que saem do inferno a procura de súditos, ou sobre um cemitério que tem o poder de ressuscitar as pessoas, ou, ainda, sobre criaturas que só existem na fantasia.



Fotografia de William Hope, conhecido pelas suas “fotos de espíritos”. (Imagem/Reprodução: The Public Domain Review)

Para mim, o difícil é encarar histórias críveis de acontecer. Seriais killers, espíritos vingativos, possessões demoníacas, tudo é possível quando se vê pela perspectiva do acreditável. Eu acredito, e por isso temo.

Dito isso, é perceptível que as histórias dessa edição vão despertar novos traumas em mim. Mesmo assim, será impossível não querer consumi-las e encontrar um novo lugar assombrado que me faça tremer novamente.



**Thainá Christine**

*Professora, revisora e escritora. Escreve histórias de terror com protagonismo feminino e é apaixonada pelos clássicos do gênero.*

CONTO POR Mateus de Morais

# Sacrifício



# SACRIFÍCIO

*Um conto por Mateus de Moraes*

# 1

O ar noturno sufocava a aldeia por todos os lados. Uma névoa fina parecia emanar do solo dando um ar macabro às casinhas de palha. O pontilhado das estrelas e o brilho esbranquiçado da lua coroavam a atmosfera sinistra daquela noite. Não havia um motivo forte para a certeza que os aldeãos tinham, mas a sensação que preenchia seus âmagos garantia que mais uma vez naquela noite o solo sagrado da floresta seria banhado por sangue.

E eles não estavam errados.

O sol mal aparecera submergindo as árvores e a aldeia com seus raios luminosos e vivos, quando Caubi ofegante atravessou a aldeia gritando. A expressão de horror estruturada em sua face não deixava dúvidas de que ocorrera novamente. Dessa vez havia sido Aruana, a filha mais nova de Potíra que tinha sido encontrada. Seu corpo jovem jazia entre os galhos secos, pálido. O rosto mantinha as feições serenas, os lábios se curvavam em um sorriso. Poderia se passar por viva, não fossem os olhos arregalados como guaraná e brancos como leite.

Ninguém sabia o que estava causando a morte daquelas pessoas. Ninguém sabia o que elas viam para ficarem felizes e mortas. Como se a elas fossem revelado o maior dos segredos, como se os mistérios que envolvem a vida e a morte tivessem sido sussurrados em seus ouvidos enquanto lentamente seus olhos iam se fechando e a vida a abandonando. E se ninguém sabia estas coisas, ninguém conseguia fazer nada a não ser rezar aos deuses. A ignorância é sempre motivo de medo e nesse caso, também de morte.

Quando Guaraci foi encontrado morto não existiram grandes preocupações. A ele foi dado um bom enterro com todas as honrarias necessárias, como já era velho não houve grandes suspeitas. A preocupação só começou a surgir quando Anahí foi encontrada morta sob as mesmas circunstâncias. Era uma jovem com poucos ciclos de vida. A imagem dela desesperou alguns, mas o desespero só atingiu todos quando Taiguara apareceu. Um guerreiro alto, o mais forte de todos ali, vê-lo daquela maneira despertou um sentimento de impotência que naturalizou o ocorrido de maneira que na noite que Aruana apareceu eles já esperavam.

# 2

A pequena aldeia vivia em paz em sua rotina monótona. Não conheciam nada além da imensa floresta e não sentiam necessidade de algo maior que isso. As árvores e os animais eram todo o mundo que conheciam e também todo o que precisavam. Os antigos anciãos contavam sobre animais semelhantes a eles que antigamente invadiram a terra e mataram muitos, mas que aquele clã conseguira se refugiar e em seu esconderijo, farto, construíram seu novo lar. Mas cultivaram aquela narrativa para que todos soubessem da origem deles, de como eram sobreviventes, de como sempre foram e sempre deveriam ser resistência. A consciência disso deveria ser carregada por todos como um adorno a seus corpos, pois era algo intrínseco a eles e que não deveria causar nenhum outro sentimento se não o de orgulho.

No entanto, Porã não acreditava nessas lendas. Ele só acreditava na floresta, na vida que viviam agora. Além do mais, nenhum dos vivos ali podia comprovar aquelas histórias. Ele era um jovem solitário, mal tinha cinco anos quando os espíritos da floresta decidiram que era hora de seus pais partirem. Uma doença conduziu a viagem e nem o chocalho do ancião conseguiu impedir a partida. Desde então, Porã não acreditava em muitas coisas. Passara a buscar um novo sentido para a vida, mas a escuridão da tristeza, do remorso e da saudade bloqueavam qualquer perspectiva ou objetivo que sua mente buscava incessantemente conjecturar. E se não encontrava objetivo era difícil também achar o sentido para tudo aquilo...

A vida era simplesmente: trabalhar, comer, dormir e começar de novo. Até que os deuses decidissem que era hora de terminarem com tudo. A vida é assim, não podiam mudar o que era imutável. Era o que Porã pensava, acreditava, fazia. Ninguém mudava seus pensamentos que apesar de parecerem certos ainda estavam em seu íntimo manchados com a visguenta lama da dúvida. Porém quando os corpos começaram a aparecer de alguma forma ele sentiu como se sua teoria estivesse ganhando contornos de comprovação.

Ouviu os tambores, os chocalhos e os primeiros gritos. O ritual estava começando. Ficou a uma certa distância observando enquanto a família de Aruana circulava a volta de seu corpo estendido sobre uma mesa no centro da aglomeração. Seu corpo ganhara a pintura escura e os desenhos funerários. Continuava sorrindo e os olhos, por mais que eles tentassem, insistiam em ficar abertos fitando-os. Porã observava hipnotizado. Era como se ela estivesse zombando de todos ali. Ela insultava a ignorância de todos. Insultava a vida de Porã. Aruana girou o rosto repentinamente em sua direção e a brancura de seus olhos lhe causou enjoo. Ela ergueu um dedo acusatório para ele. Suas pernas tremeram, ele piscou e viu que não passara de sua imaginação, a mulher ainda permanecia imóvel sobre seu altar funerário.

“Você está bem?”.

Ele tomou um susto ao sentir a mão de Moema em seu ombro, não vira a mulher se aproximar. De todos ela era a única por quem ele nutria certo interesse. Para ele isso era devido ao tempo que passaram na companhia um do outro, haviam crescido juntos.

“Estou”. Mentir era fácil. Na verdade, ele nem tinha certeza se era uma mentira. Por que haveria de não estar bem? A morte era algo inevitável e ele nem sequer conhecia muito bem aquela moça. Mas o problema não era sua morte e sim a maneira que morrera. O problema era aquele rosto. O problema era a satisfação que encontrava nele.

Resolveu se distanciar. O ritual demorou algumas horas e assim que foi concluído todos os moradores acompanharam o cortejo da defunta até o local onde seria enterrada. A nova morada de Aruana larga e profunda a aguardava. Quer dizer, a morada de seu corpo, não é? Será? A verdade era que Porã estava começando a ter dúvidas até sobre o que já tinha como certo. Aquilo não era bom, ele sabia disso. É claro que Aruana não estava mais ali, seu espírito havia transcendido, estava com os outros mortos, estava guardada sob os espíritos da floresta. A cova acolheu o corpo da mulher e a terra a cobriu. A porta da casa foi fechada, para sempre. Aruana voltara a natureza, sim, não havia dúvidas... Porém se não havia dúvidas por que seu coração continuava imerso naquela inquietude?

# 3

Chegou até seus ouvidos que haveria uma reunião em que seria discutido o porquê dos corpos estarem aparecendo e ele como curioso que era, não podia deixar de comparecer, apesar de ter uma ideia de qual seria a conclusão do debate. A verdade é que já ouvira entre os anciãos que aquilo era obra de espíritos superiores descontentes com alguma ação deles. E Porã não estava errado em supor isso. Aquele povo era muito impotente e por isso previsível, bem era o que ele pensava.

Concluíram que o tal espírito necessitava de algum sacrifício para sanar sua ira contra os aldeãos. O mais velho com o chocalho em mãos começou a sacudi-lo em todas as direções e a bater com o pé. Todos ali ficaram em silêncio. Ao terminar sua dança e comunicação confirmou o que suspeitavam. Um sacrifício deveria ser feito, no entanto a pessoa a ser sacrificada deveria ser voluntária. Com suas próprias pernas na próxima lua cheia ela deveria adentrar a floresta e encontrar-se com o espírito zangado.

As dúvidas que transformaram o límpido rio da consciência de Porã em uma corrente de água lamacenta, de repente mostrou um brilho lá no fundo. E foi esse brilho, de talvez uma pedra de ouro, que fez ele levantar a mão e se posicionar como voluntário. Todos o encararam, ninguém ali realmente gostava dele, mas aplaudiram e olharam admirados. Ele, porém, permaneceu indiferente. Não estava fazendo aquilo por eles, mas por si mesmo. Ganhou muitos abraços e nenhuma daquelas mãos que envolveram seu corpo deram-se conta do seu egoísmo. O único que teve certo significado foi o de Moema.

A mulher chorou e pediu para que ele desistisse da ideia, no entanto por mais que gostasse dela não era o suficiente para ficar.

“Isso não pode continuar, Moema” ele disse apático. Poderia mascarar suas verdadeiras intenções, mas decidiu expor a dúvida. “E nem sabemos se esse espírito realmente existe.”

“Como assim você tem dúvidas sobre a existência dele, Porã?” enxugou uma lágrima que lhe descia pelas bochechas fartas. “Como você explica os corpos?”



“Eu não sei, Moema. A verdade é que não sei mais de nada, não consigo mais ver um sentido em tudo isso...” começou a se distanciar “... se é que uma vez houve.”

Aquelas palavras calaram fundo o coração dela e por muito tempo ficou ali parada refletindo, mas não conseguiu interpretar as intenções e os subtextos que pareciam existir por trás delas.

O brilho pálido da lua cheia emergiu dias depois cobrindo a aldeia. E depois de receber os últimos agradecimentos, Porã estava sozinho no centro das casinhas. A lua não trouxera apenas a sua claridade agourenta, também trazia o silêncio sinistro e naquela noite selava o destino dele. O rapaz com passos incertos, coração acelerado e um arrepio na pele causado pela brisa fria que vinha da floresta, atravessou a aldeia.

Uma névoa fina vinda das árvores e do solo o envolveu. Em sua mente os rostos sorrindo de Guaraci, Anahí, Taiguara e Aruana surgiram e por muito tempo ficaram ali zombando dele. E os pares de olhos em contraste com a escuridão da noite assustavam-no.

Adentrou a floresta fechada e sentiu o ar mais denso, quando respirava sentia como se ele comprimisse seus pulmões, aquilo o deixou inquieto. A floresta também estava em silêncio e isto o deixava aflito, a ausência de sequer um inseto o agoniava. O único som que ouvia era o das folhas e galhos secos sendo quebrados com seus pés. Ficou apreensivo quando por um instante podia jurar que vira uma sombra naufragando entre a névoa. Mas quando em um piscar de olhos não viu mais nada, mesmo olhando minuciosamente, atribuiu aquilo a uma mera ilusão causada pelo balançar das árvores.

Ele nem tinha entrado muito na floresta quando sentiu os pelos de seu corpo se arrepiando. Ao olhar adiante viu um par de dois olhos vermelhos brilhando mais a frente, seu coração disparou, um suor frio desceu por sua frente. Suas pernas ameaçaram falhar, porém os dois focos de luz logo sumiram. Ele respirou aliviado... até que sentiu uma baforada às suas costas. Nem precisou se virar para saber que havia alguma coisa ali. Tudo em seu corpo gritava isso. Sentiu um terror lhe preencher totalmente. Uma sensação de que tudo de bom que existia no mundo havia desaparecido da face da terra. Virou-se de uma vez, pois sabia que se esperasse mais não teria forças.

Ao virar tudo que ele sentiu vontade de fazer foi gritar, porém não lembrou como fazia isso. À sua frente erguia-se a criatura mais monstruosa que existia ou existirá algum dia. Nunca em sua vida ele se quer ouvira uma descrição de monstro que se comparasse aquilo, e nem ouviria mais. Sua vista ficou turva de repente e sentiu uma ânsia de vômito. Ali estava um quadrúpede da altura de uma árvore e da largura de uma casa. O corpo todo coberto por uma pelagem escura e espessa. As patas possuíam dois joelhos fartos que terminavam em garras longas e afiadas. Na face descendo até a altura de Porã pendia uma tromba gosmenta. A boca atravessava toda a cabeça e os lábios não conseguia esconder as duas fileiras de dentes. As bochechas caíam pesadas e fartas com profundos sulcos. Os olhos eram duas bolas vermelhas com chifres acima de cada um. Porã não conseguia ver o

# 4

que havia sobre a cabeça e o dorso dele, mas via a sombra de coisas projetadas que se sacudiam para todos os lados. A sanidade de Porã começou a se esvaír antes que ele pudesse assimilar todos os aspectos demoníacos da criatura.

O que mais apavorava seu corpo, aterrava seu coração e destruía sua mente era a ausência de som. A criatura em toda sua construção grotesca não emitia o menor ruído, até a baforada de sua respiração que Porã sentia no corpo não produzia o menor dos sons. Não sabia que a morte era tão silenciosa, foi o que concluiu. A tromba lhe envolveu o corpo com facilidade, pois ele não conseguiria fugir, esquecera-se como era se mover. Não sabia nem ao menos dizer se estava respirando. Sua visão não encontrava um foco. Percebeu que estava sendo erguido. A gosma da tromba começou a descer por suas pernas. O foco só veio quando estava na altura dos olhos da criatura. Por um momento conseguiu ver os vermes que brotavam por todo o seu rosto. Mas logo a atração pelo brilho escarlate veio e ele não conseguiu desviar a atenção daqueles glóbulos.

# 5

E naquele instante lhe foi revelado todos os segredos da humanidade. Todos os mistérios do mundo. Todas as dúvidas que antes o corroíam por dentro foram resolvidas. Ele ficou sabendo a resposta para todas as questões que preocupava o ser humano e aquilo era lindo e perturbador. Seu corpo começou a tremer quando ele viu como aquela criatura surgira, quando viu tudo que ela já fizera. Mas eram flashes rápidos, mal assimilava um e já via outro. E quando chegou nos motivos de haver vida no mundo seus lábios se abriram em um sorriso que não conseguiu mais desfazer. Não havia mais sanidade em Porã. Os olhos que giravam loucamente em suas órbitas logo ficaram brancos. A transcendência do que até então ele chamava de existência foi só uma consequência por todo o conhecimento que sua mente fraca não suportou.



## Mateus de Moraes

*É doutorando em literatura na Universidade de Brasília e, além de ser um leitor voraz de suspense e terror, também é viciado em jogos de tabuleiro. Autor do suspense policial "Quando ninguém vê". Possui um perfil literário no Instagram chamado @recantoinsano.*



RELATO POR Amanda Ribeiro

Quem me  
explica os vultos?

Eu era muito pequenininha, com 4 anos de idade, quando me mudei para esta casa, e foi exatamente nesse momento que comecei a testemunhar coisas sobrenaturais. Sombras começaram a aparecer, figuras humanoides vagas, sem rosto, sem forma definida, apenas vultos negros ou brancos. Nunca fugia disso. Só que, na minha cabeça infantil, aquilo era normal. Para mim, aquilo tinha vindo com a casa, sabe? Porque, enfim, eu nunca havia tido uma conversa com os meus pais antes.

No começo, era normal eu ver os vultos e ficar tranquila, até o momento em que, como eu achava que todo mundo via, eu decidi comentar com os meus pais: ‘Olha aquela sombra preta ali!’

Lembro que a minha mãe pegou meu braço e falou: “Amanda, não tem sombra nenhuma”. E eu fiquei indignada. Como não ficar? Eu sabia do que estava vendo... não era difícil ver. Era só olhar. E a sombra ficava parada, também me olhando. Mas, como não tinha rosto, não sabia muito bem se ela olhava para mim.

Depois daquele susto, minha mãe pegou e me explicou o lado espiritual por trás daquilo. De acordo com a crença dela, claro. E, então, de uma hora para outra, eu comecei a ficar com medo daqueles vultos. Eu comecei a me desesperar um pouco.

Passei um bom tempo indo dormir com os meus pais porque eu tinha medo de ver vultos por toda parte. Até que, por volta dos meus 7 ou 8 anos de idade, eu não tenho certeza, aconteceu um episódio que realmente me marcou muito. E marcou muito minha família.

Lembro perfeitamente que era uma noite chuvosa, por mais clichê que possa parecer. E todo mundo estava dormindo tranquilo. Naquele ponto, não precisava mais dormir com os meus pais, mas dividia o quarto com a minha irmã. Sei que eu sempre dormia olhando exatamente da direção da cama da minha irmã.

Não sei que horas eram. Só sei que já deveria ser muito tarde, de madrugada. Só sei que, do nada, eu acordei. E quando eu abri meu olho, vi meu pai sentado na ponta da cama da minha irmã. Levei um susto, mas logo comecei a chamar ele. Só que ele não me respondia... até que eu cansei. Fechei o olho normalmente e voltei a dormir.

Naquela época eu já era sonambula, e lembro de ter pensado se meu pai também não seria. Foi isso o que me fez desistir tão fácil de chamar atenção do meu pai. Mas eu não conseguia parar de pensar nele ali; fiquei preocupada de ele estar naquela posição. Queria ajudar meu pai a pelo menos se deitar.

Mas na hora que eu abri o olho de novo, ele não estava mais lá. Senti um medo genuíno e coloquei a coberta na cabeça para me tampar; virei para o outro lado e fui tentar voltar a dormir. Mas comecei a sentir que tinha algo naquele quarto, e que não era o meu pai. Nunca vou me esquecer o tanto que eu suava de medo debaixo daquela coberta.

No momento em que eu coloquei cabeça para fora, eu vi a minha mãe na minha cama. Só que ela estava em uma posição que era impossível

O medo voltou mais forte do que nunca. Fechei o olho de novo, mas quando abri o olho, tudo sumiu mais uma vez. Tudo menos um vulto preto. E aquele era realmente diferente de todos os outros vultos que eu havia visto. Ele, diferente dos outros não tinha uma forma humana. Eu conseguia ver algo parecido com uma cabeça, mas totalmente sem rosto, e apenas com um nariz.

O desespero tomou conta de mim, uma agonia tão intensa que ecoava em meu interior. Gritei com todas as forças que pude reunir, um grito que rasgava minha garganta, mas que parecia ecoar apenas em minha mente. Minha irmã, dormindo do meu lado, não ouviu nada. Meus pais também não vieram. Não havia nenhum sinal de socorro, nenhum conforto para me acalmar.

Com o coração pulsando de pavor, decidi fugir dali. Queria ir direto para os meus pais. Lembro que cada passo que eu dava em direção ao quarto dos meus pais era como se estivesse atravessando um campo minado, a sombra se contorcendo e se movendo conforme eu me aproximava. Quando me dei conta, o vulto estava perto de mim, como se me contornasse.

Eu fui com a minha mão para bater nele, e eu senti um choque. Aquele choque parecia passar algo muito ruim para mim; algo indescritível entrando em mim.

O formigamento começou a percorrer meu braço. E vulto já não estava mais lá. Então, continuei em frente. Assim que abri a porta, ao lado do meu quarto, vi a escada que levava até o outro andar da casa. Foi então que me deparei com uma cena aterrorizante: uma garotinha descendo os degraus.



Mas era uma garotinha verdadeiramente macabra. Mesmo sem ter assistido a filmes de terror naquela época, eu era uma criança extremamente medrosa. Tinha medo até de cachorro, entrava em pânico só de vê-los. Quando avistei aquela menininha, meu Deus, parecia que havia uma pessoa na minha casa.

Apesar de seus olhos fofos e cabelo arrumado, ela emanava uma aura de maldade. Era como se fosse uma bonequinha, mas de alguma forma sinistra, como se algo estivesse errado.

Enquanto ela se aproximava, um sorriso surgiu em seu rosto, e naquele momento, entrei em pânico. Corri até o quarto dos meus pais, batendo freneticamente na porta e chorando copiosamente. Nunca chorei tanto na vida. E com os olhos fechados, batia na porta, implorando para que eles abrissem antes que ela me alcançasse.



Foto de William Hope, fotografo conhecido por “fotografar espíritos”

Não sei quem abriu a porta no final. Só sei que meus pais ficaram em pânico ao me ver naquela condição, e eu só conseguia chorar. No dia seguinte, até faltei à aula.

Contei à minha mãe o que havia acontecido. Ela chamou um padre para abençoar a casa e fazer uma oração especial enquanto eu dormia. Não sei exatamente como foi a parte da visita do padre, pois não consegui permanecer acordado para recebê-lo. Minha irmã até brincou comigo no dia seguinte, dizendo que o padre teve que me exorcizar. Mas, depois daquela experiência, e devido aos vultos que via desde criança, comecei a compreender um pouco mais desse lado sobrenatural.

Depois que o padre veio, fiquei muitos anos sem ver nada. Muitos mesmo. Hoje em dia, de vez em quando, ainda vejo um vulto preto passando do meu lado, mas que já não me assusta como antes. É apenas uma sombra rápida no canto do olho, não? Algo tão normal que não tem por que sentir medo.



**Amanda Ribeiro** (2003)

*Estudante de Direito e ambiciosa em causas ambientais.  
Fissurada por literatura filosófica, romântica e de suspense.  
Apaixonada por arte impressionista, gatos e música.*

CONTO POR Matheus Maciel

# A longa noite de seis silêncios

# A LONGA NOITE DE SEIS SILÊNCIOS

*Um conto por Matheus Maciel*

# 1

Deslizou a mão cuidadosamente pelo interruptor, para o plástico não estalar muito alto. O clique, mesmo baixinho, fez Samuel fechar os olhos e cerrar os dentes, lutando para amolecer a expressão de pavor. Quando abriu as pálpebras, viu que o mesmo breu da sala insistia no quarto, apenas pouco entrecortado pelo luar que se esgueirava entre as frestas da única janela do cômodo. Girou a chave sem pressa até ouvir que a porta foi devidamente trancada.

- Droga, que susto.

- É uma só pintura, calma... - disse Samuel, com as mãos trêmulas.

- Calma o quê, velho? Como é que relaxa?

Chico pingava de suor. Entrou correndo no quarto, depois de achar que quase foi pego. Sentou no chão e começou a tentar retomar o controle da própria respiração. Soluçou bastante enquanto reorganizava os pulmões, até conseguir imprimir um ritmo que não fosse frenético e o permitisse pensar.

Houve um primeiro silêncio. Ambos cruzavam os olhares e investigavam as partes visíveis daquele quarto. A todo momento, sentiram que aquilo pularia de um dos cantos escuros para sorver-lhes as tripas.

- É um estúdio - Chico rompeu o silêncio.

- Quê? - Samuel reagiu, sendo arrebatado de seu transe.

- Esse quarto, Samuca. É um estúdio de artista.

- Só por causa daquilo ali?

Samuel apontava para a pintura que assustou Chico. Uma tela em cavalete ao lado da janela, que em primeiro momento lhes parecia disformemente manchada de tinta, logo se mostrou um croqui inacabado de um rosto. As partes que faltavam estavam obscurecidas, e faziam Samuel ter calafrios. O olhar, que da pintura emanava, era vazio e apontava para todos os lados ao mesmo tempo, buscando e buscando sem descanso.



- Samuel, Samuel! O que deu em você, meu velho? Acorda! - Chico olhava consternado para o amigo.

- Como assim? - perguntou o outro, coçando os olhos secos de tanto encarar sem piscar.

- Esquece. Olha, agora que estamos mais calmos, temos que ver como vamos sair daqui.

Chico afastou o amigo da porta e encostou o ouvido. Nenhum barulho do outro lado além dos ventos que circulavam no corredor daquela casa.

- Não tô ouvindo aquilo. Acho que dá para sair agora.

- Para quê?! - questionou um desesperado Samuel - Quer morrer?

- Pretende ficar preso aqui dentro para sempre?

- Só até a poeira baixar. Aquilo não vai ficar rodando por aí até agosto.

- Vira homem, Samuel, que droga!

Um segundo silêncio. Raiva em escarlate degradê, até o tempo dar o ponto de um arrependimento desbotado e ressentido próximo do rosa.

- Desculpa, Samuca... Eu só...

- Você também tá com medo, entendi. Tá tudo bem. Só não dá para fugir da casa agora.

- Quem falou em fugir da casa? Pensei em pegar o livro. Acho que a resposta para nosso problema está dentro dele.

Do outro lado do corredor, a poucos passos da porta do cômodo que estão, há o quarto em que tudo começou naquela noite.

O ambiente era todo revestido em tecido negro, com motivos cerimoniais em emblemas amarelados helicoidais e alguns concêntricos, dos quais nem Chico nem Samuel jamais haviam visto algo sequer parecido. No centro do quarto, figurava um baixo altar piramidal em pedra branca, com um tomo grosso em seu cume. Chico não compreendeu bem o que acontecera quando aquela peça insidiosa em capa de couro terroso foi aberta e examinada impulsivamente por Samuel, mas um destino havia sido selado ali, e a certeza foi sussurrada em sua cabeça. Algumas vezes, o sexto sentido se faz entender muito bem.

Ambos moravam a mais de dezoito quilômetros de estrada de chão de onde se encontravam neste momento, na cidadezinha de Ibiabaçai.

# 2

# 3

Como todas as cidades interioranas, Ibiabaçai também dispunha de suas histórias-pra-boi-dormir e parlendas macabras que nevoavam entre uma conversa de porta de boteco e rodas de adolescentes dividindo bebida de mau gosto no cemitério. Algumas histórias *pulp* sobre a mula-sem-cabeça que sumia em galopar em direção ao velho cinema, ou *youkais* abasileirados metidos à caipora, que figuravam entre as declamações de um aedo boêmio ou outro, arrancado um pouco de tensão do público às vezes, mas sempre muita gargalhada de travar o bucho no final das contas.

A coisa toda ganhou massa com o surgimento abrupto de uma conversa sobre o tal do “Espírito da fazenda Sherman-Mendonça”.

É claro que, mesmo numa cidadezinha de pouco mais de dois mil habitantes, é categoricamente impossível rastrear a origem de um boato, ainda mais um sobre lugares mal-assombrados, pois ninguém levava aquilo muito a sério. O inexplicável mesmo era a tal conversa fiada ter adquirido uma notoriedade tão grande na região. Certo ponto, tinha gente brigando na fila do mercado sobre a veracidade do que andou ouvindo ou deixando de ouvir por aí. Um sujeito de óculos fundo-de-garrafa, que trabalhou umas duas semanas no posto de gasolina, jurou de pé junto que seu primo tinha testemunhado um brilho sobrenatural na porteira da fazenda, quando passava de carro por lá. Não se falava de outra coisa durante os recreios da molecada, alguns motins escolares acabavam sendo reprimidos por senhoras brucas dos docentes ou emergenciais reuniões de pais.

A coisa tomou um rumo mais agudo quando a história chegou nos ouvidos do rato de biblioteca do Samuel, que passava suas tardes com a cara enfiada em histórias de fantasma. Daniel Defoe isso, Shirley Jackson aquilo; ele parecia estar destinado a acabar ouvindo sobre o espírito. Amolou seu amigo Chico para irem fazer uma visita à fazenda Sherman-Mendonça. No início, o amigo se mostrou resistente, mas cedeu por curiosidade e saco cheio.

E lá eles foram.

- Você vai atravessar? - perguntou cinicamente um apavorado Samuel.

- Tenho que ir, né. Deixa eu só juntar coragem - respondeu Chico, apertando a coxa para ver as pernas paravam de tremer ante à dor.

- Não é uma boa ideia nos separarmos. Os obsessores preferem vítimas o mais vulneráveis que possível. Sei que aquilo não vai atacar se estivermos juntos no mesmo ambiente.

- Então por que não vamos juntos?

# 4

Terceiro silêncio. Samuel engoliu seco enquanto as palavras rodopiavam em sua cabeça. Chico deu seu sorriso mais debochado e decepcionado, preparando-se para descascar o amigo, mas um misterioso baque seco na parede de madeira o fez ficar quieto e também engolir seco.

- Aquela parede dá para a sala. Aquilo deve estar para lá do outro lado - constatou Chico.

- Foi muito alto, cacete.

- Para que ficar batendo? Já sabe que estamos aqui.

- É a opressão. Aquilo quer quebrar nossa vontade de viver e nosso moral.

- Essa é a primeira fase?

- Não - Samuel ficou pensativo por alguns segundos, olhando para a maçaneta. Chico ia chamá-lo de volta, mas ele continuou sozinho - A primeira fase é a manifestação. Já devia estar rondando a casa, talvez a fazenda, segundo alguns relatos que coletei por aí.

- Tem certeza que não foi quando você leu o livro? - perguntou Chico, irônico.

- Cala a sua boca... - Samuel não gritou nem rosnou. Grunhiu a frase e começou a escorregar pela porta, soluçando de choro - Não queria... Eu não quero que a gente morra aqui, Chico. Me desculpa... - pôs a cabeça entre os joelhos para abafar os soluços.

- Ei, ei. Calma, carinha - apiedou-se do amigo e abaixou junto dele - Foi mal, não achei que você ia levar a sério. Estava só brincando contigo.

Samuel parou de chorar, mas não tirou a cabeça das pernas. Tremia. Chico ouviu um passo no piso de madeira. Samuel não. Preferiu guardar só para si. Preferiu poupar o outro de mais pressão.

- Bem, - Chico tentou trazer seu amigo de volta - Se aquilo já se manifestou e está tentando ferrar com nossa cabeça... Qual a próxima fase?

Possessão, respondeu, erguendo o rosto inchado. Chico sentiu o corpo estremecer. O que passou lá fora, antes de entrar no quarto com o coração na mão, jamais sairia da sua cabeça. Aquilo não caminhava normalmente. Flutuava a um palmo chão, com os pés moles que balançavam enquanto se movia. Trajava um hábito escuro, e uma corda jazia amarrada com força entre o pescoço e o rosto. Gemia um tom fino sufocado, como se estivesse em agonia ou sem respirar direito.

Outra pancada na mesma parede, agora mais forte.

O coração de Chico disparou enquanto olhava para a parte escura do quarto, origem dos baques. Samuel encarou o amigo sem levantar muito mais a cabeça. Engoliram em seco enquanto a respiração teimava em escapar-lhes de novo.

Os barulhos não aconteceram pelo que julgaram ser um longo intervalo, embora não soubessem as horas. As mochilas com celulares, provisões e equipamentos haviam sido largadas na sala de estar arreventada. A fazenda ficava muito isolada do resto da cidade, a casinha mais próxima se esticava a mais de vinte minutos de caminhada de onde estavam. Vinte minutos em estrada de chão no mais absoluto breu, vale lembrar.

- Chega, não dá mais - Chico coçava a cabeça de pura angústia - Precisamos atravessar. Não tem mais jeito.

- Não já falamos disso, cara? Quer morrer, é?

- Vamos morrer se ficarmos aqui. Já tô exausto da caminhada até esta fazenda, fora a carreira que eu tomei daquilo. Iríamos voltar andando para não perder o sol, lembra? Agora, nossas opções se reduzem a ficarmos acordados até de manhã ou revezamos no sono. Você quer dormir aqui?

- Não.

- Nem eu. Fora que aquilo ataca quando só tem um de nós, né? Não dá para saber o que acontece quando alguém dormir. Estamos lascados.

Uma nova pancada na parede. O canto de onde elas vinham parecia ainda mais escuro dessa vez, como se aquilo forçasse uma passagem umbral entre os cômodos. Os corações de Samuel e Chico dispararam feito corcéis em fuga. As lágrimas rolavam pelo rosto de Samuel. Chico fechou os olhos e cerrou o punho.

- Samuca, é agora ou nunca. Vamos juntos dessa vez. Ele não vai nos pegar, certo? - confiança transbordava das palavras de Chico. Desespero também.

Samuel acenou positivamente, sem dizer uma só palavra.

- Boa. Você consegue entender o livro, certo? Podemos nos trancar no outro quarto até acharmos um meio de lidar com a criatura. Vai poder ler sem pressa.

Samuel acenou com menos vontade dessa vez, fechando os olhos. Chico pousou sua mão sobre o ombro do amigo.

*Confio em você, meu irmão.*

# 5

Samuel não precisou abrir os olhos para sentir o sorriso seguro que confluía com as palavras do amigo. Isso não ajudou em nada, Sentiu-se ainda pior. Abriu, então, os olhos para que Chico não perdesse a confiança nele. Precisava da confiança do amigo para tudo dar certo.

- No “três”, hein? Segura na minha camisa e olha firme pro corredor, enquanto eu vou abrindo a porta. Se ele vier, grita.

- Tá... Ai, meu Deus... Mãe... - choramingou Samuel.

Um quarto silêncio pairou no estúdio naquela hora, naquela noite. O mais rápido de todos. O silêncio que ecoava entre os ponteiros mortos do relógio desgastado da sala. O silêncio que embaçava as janelas de todos os cômodos da casa da fazenda Sherman-Mendonça. O silêncio que pairava sobre a porteira da fazenda. O mesmo silêncio que jazia sobre Ibiabaçaí. O mesmo exato silêncio. Não havia uma alma viva caminhando pela rua sequer.

Por fim, o quinto silêncio.

*Um.*

Chico girou lentamente a chave e cerrou os dentes.

*Dois.*

Chico virou a maçaneta sem puxar um milímetro da porta.

*Três.*

Chico disparou pelo corredor até o outro lado. Ignorou o frio anormal que fazia naquele lugar. A porta do quarto do outro lado estava trancada. Parecia barrada pelo lado de dentro. Havia uma estranha luz vindo lá de dentro, mas Chico não conseguiu perceber. Seu foco fora roubado pelo fato de Samuel não estar agarrado à sua camiseta. Ouviu o clique da chave do estúdio às suas costas. Sentiu as forças lhe abandonarem. Recuperou-as para bater violentamente contra a porta e berrar para que o amigo abrisse. Estava ali, exposto para aquilo pegar-lhe e fizesse o que bem entendesse. Gritou de horror e deu chutes na madeira maciça, chamando Samuel por nomes deploráveis, todos derivativos de “covarde”, com mais ou menos indecoro.

*Desculpa Chico... Desculpa. Desculpa...*

Samuel não ouviu os gritos enlouquecidos de Chico do outro lado, também não sentiu os chutes naquela porta firme como uma pilastra. Chorava. De arrependimento, medo, pânico, alívio, dor, cansaço, tristeza, culpa, esperança e terror.

6

Não tinha um plano definido. Nem ao menos soube porque trancou o amigo lá fora. Puro instinto. Nunca havia experimentado tamanho medo na vida. Os livros de fantasma que devorou pela vida toda mentiram para ele. Tudo é muito pior de verdade. Fantasmas existiam, afinal, e isso passou de apenas um fato para o sinete que selaria sua vida a partir do momento em que trancou a porta do estúdio consigo dentro.

Acontece que o senhor Wes Sherman era um erudito em todos os aspectos da arte, mesmo das místicas. Tanto seu estúdio quanto sua sala lacrada de oração eram à prova de som, além dos trincos e da madeira da porta serem reforçados até o ponto de quase inquebráveis. Quanto sentava-se para tocar violino, pintar ou fazer seus cerimoniais, trancava-se no estúdio por horas. Não ouvia o que acontecia na casa, e a casa não ouvia nada dele.

Samuel ouviu um gemido fino e sufocado vindo detrás. Chico, mesmo colado à porta enquanto puxava a maçaneta, não ouviu.

Da pintura, ergueu-se aquilo e flutuou na direção de Samuel.

Ele nem gritou.

Chico percebeu, aos poucos, que não estava acompanhado ou sendo assediado pela assombração. Criou coragem para fazer uma varredura cuidadosa na sala. Nada lá. Foi embora e deixou Samuel para trás, como ele mesmo havia feito. Bem-feito.

Chico chegou em casa de madrugada, gelado. Não conseguiu dormir, por semanas a fio. Aquilo não abandonava seus pensamentos nem seus sonhos. Pensou na fazenda Sherman-Mendonça por meses. Ouvia o gemido fino em diferentes lugares da sua vida. Viu aquilo no espelho do banheiro, e também sentado em sua cama, quando acordava paralisado. Persistiu, entretanto. Ficou mais ativo na igreja. Ouvia a todos os sermões do padre, onde encontrou um conforto afável. Ajudava nas missas. Envolveu-se com a comunidade da paróquia. Lá, conheceu Paula, com quem se casou. Festa com direito a tudo.

Inclusive, com um insistente Samuel, que observava véu e grinalda da obscura porta entreaberta da sacristia, com a expressão de pavor derradeira cristalizada em seu rosto funesto e cinzento.

A mesma expressão de quando foi possuído.

# 7



**Matheus Maciel** (1995)

*Autor de "A Bruxa de Lavanda Negra", é historiador e professor. Quando não está lendo ou escrevendo, divide o seu tempo entre D&D, filmes de terror e jogos de basquete*

ENSAIO POR Tales B. Paim



# Os temas sobrenaturais em “A Viagem de Chihiro”

O longa animado da Ghibli, “A Viagem de Chihiro”, maravilhou o mundo com seu lançamento e conquistou muita visibilidade para o potencial narrativo das animações. Para quem já assistiu ao filme não é segredo algum como ele conseguiu alcançar tantos corações, apesar (e provavelmente, por meio) de todas suas peculiaridades; mas muito ainda permeia os personagens fantásticos que residem naquele gigantesco spa dos espíritos onde a história se passa. Aproveitando da temática desta edição, por que não mergulhamos no outro mundo de Chihiro e exploramos a multiplicidade humana em relação ao Além?

No começo, quando a jovem Chihiro chega àquela cidadezinha abandonada no começo do filme, ela é apenas uma criança, colada nos pais e assustada pela ideia de morar em um novo lugar. Mesmo sendo muito jovem, já está tendo que lidar com a perspectiva do fim e mudança, coisas muito entrelaçadas. E após a situação desandar e ter sua vida arrebatada por baixo de seus próprios pés, ela se vê forçada a encarar desafios incríveis aos quais nunca esteve preparada – tudo para poder sobreviver e salvar seus pais de uma maldição.

O título original do filme em japonês é *Sen to Chihiro no Kamikakushi*, no qual a última palavra, *kamikakushi*, pode ser traduzida como “ser levada por espíritos”. Ao longo da história,

muitos povos criaram contos místicos para fazer sentido das faces desconhecidas do mundo, e este termo não podia ser diferente: era uma explicação dada a quando pessoas, especialmente crianças, desapareciam. Era dito aos pais que elas poderiam ter sido levadas por deuses para os servirem, uma explicação que pudesse trazer paz a alguém. Semelhantemente, ao redor do mundo, várias crenças possuem personagens que raptam crianças para levar em aventuras ou até para propósitos mais sinistros. A história de Chihiro demonstra o outro lado, a perspectiva da criança raptada por esses seres imortais e etéreos, confrontando o consolo dos mitos. Assim como encara a bruta realidade de crescer, encarando o desconhecido e o enfrentando com uma intuição que está sempre em desenvolvimento.

Voltando ao sobrenatural! Antes mesmo de Chihiro encontrar a casa de banhos, ela se depara com diversos espíritos caminhando pela rua, e estes se assemelham mais aos seres que estamos acostumados. São simples, transparentes, quase sem forma, apenas caminhando sem rumo e se alimentando das oferendas nas barracas. Os espíritos da casa de banho, por outro lado, são coloridos, curiosos e diversificados. Isso porque não são fantasmas, mas espécies de yokais e Kamis, divindades que comportam a mitologia japonesa. Porque, afinal, a pós vida não pertence a almas que vagam sem caminho, mas a forças potentes e antigas, que como os deuses gregos da *Ilíada* e *Odisseia*, bagunçam e consomem vidas humanas a bel prazer, por vê-los como seres “inferiores”.

Mas isso não é verdade para todos os espíritos do filme, pois muitos ajudam Chihiro em sua jornada. Entre eles está o assustador, mas gentil Kamaji, o velho que controla a água e vapor da casa de banhos. Na mitologia yokai, ele pode referenciar os *tsuchigumo*, seres-aranha, apesar de serem yokais enganadores, frequentemente



aproveitando de ilusões e se transformando em humanos para se aproximar de heróis e os envenenar. A mudança no comportamento de Kamaji pode não ser à toa, mas uma lição para Chihiro para não se levar pelas primeiras aparências. Apesar de seus longos numerosos braços, e de esconder seu semblante atrás de óculos pretos, ele desenvolve uma relação de proteção com Chihiro e a oferece ajuda para encontrar um lugar na perigosa mansão de Yubaba.

Aqui, a ilusão não é uma tentativa de enganar, mas simplesmente um produto da realidade: vivemos ocupados e nos adaptando para nossas tarefas, criando cascas para parecermos mais firmes e intocáveis, mas nosso interior é mais delicado. Muda tão constantemente que praticamente não se pode dizer que há um estado fixo. Kawaji, como vários adultos ocupados e estressados, pode parecer grande e assustador, mas por dentro sua vontade é fazer o bem, a ponto de ir contra as vontades de sua chefe, a bruxa Yubaba.

Haku é outro que auxilia Chihiro, e pode ser considerado o segundo protagonista da trama. Ele é um espírito do rio, que também teve seu nome roubado por Yubaba e já o esqueceu. Como as náiades da mitologia grega, os kami japoneses podem pertencer a lugares sagrados naturais, e serem sua personificação, mas Haku não consegue retornar ao mundo “real”.

A perspectiva do filme em cima dele é extremamente interessante. Há por trás de Haku e Chihiro uma conexão quase como destino, evidenciada por como ele não esqueceu o nome original dela após ser tomado pela bruxa Yubaba. Descobrimos, perto do final, que os dois se conheciam muitos anos antes, quando uma pequena Chihiro acidentalmente caiu no seu rio (ou, nele, de certo modo), e foi levada por uma correnteza até a segurança das margens. Lá, ela

perdeu um sapato. Foi Haku que a salvou de se afogar, e por isso, suas histórias foram entrelaçadas.

Quero notar aqui como elementos da nossa infância pesam em nós: secretamente afundam no nosso inconsciente e alteram nossas noções do que é bom e ruim, do importante e do pacato. Na filosofia, há uma corrente relativamente nova em crescimento que se chama “Fantologismo”, conceito de Derrida. Se trata de um estudo daquilo que é um “espectro”, uma janela do passado que persiste em ficar aberta no presente. Como estar assombrado. Quando conseguimos resolver suas questões, fazemos um rito, um “exorcismo” - fazemos pazes com esses espíritos e fechamos a janela. Ao final da história, Haku promete a Chihiro reencontrá-la um dia, mas não sabemos se isso pode ocorrer.

O motivo pelo qual Haku não consegue retornar para o mundo dos vivos é porque seu rio foi destruído e drenado, e construíram prédios no local de sua nascente. Ele é, de certa maneira, um fantasma, que perdeu seu vínculo com a Terra, então é possível que seu reencontro com Chihiro não ocorra no mundo dos vivos.

Isso nos leva ao Sem Rosto, a criatura faminta que busca Chihiro. Assim que chega e chove ouro em cima dos funcionários da casa de banho, ele recebe toda e qualquer comida que puderem encontrar, se tornando um ser enorme e abissal, enquanto sua fome apenas cresce. O espírito está perdido, tentando se satisfazer em coisas vazias, e não consegue absorver nada além da aparência. Vemos isso com a voz do sapo que ele utiliza após engolir a pequena criatura. O filme serve, tanto com esse personagem quanto com Yubaba e seu bebê, como um conto preventivo para a natureza do consumismo que arrebatou o Japão após seu boom econômico pós-Segunda Guerra. O filme não só reflete quanto ao consumo exacerbado quanto à perda da



Sem Rosto sobre um trilho. (Imagem/Reprodução: Ghibli Studios)

conexão espiritual, representada pela perda dos nomes que Haku e Chihiro (Sen) sofrem. “Se você completamente esquecer seu nome, não irá conseguir voltar pra casa.”, Haku alerta Chihiro.

Tanto o Sem Rosto quanto a bruxa Yubaba são seres “imutáveis”, representações de ego e ganância. O Sem Rosto não consegue entender por que ele não consegue conceber que ela não queira algo dele; do mesmo modo, Yubaba não entende como Chihiro mudou e trouxe confiança e amizade para si, porque ela só reconhece posse e poder. Criamos esses seres malignos ou perigosos porque algo como o Pós Vida deve ser eterno e diferente, mas ao mesmo tempo precisa espelhar nosso mundo. E porque nosso mundo é tão fluído e imprevisível (quanto é rígido e previsível), nossos mitos sobre outros reinos e outras vidas são colagens dos elementos daqui. Eterna felicidade, eterna ganância, eterno mal, mas nunca a morte, que não conseguimos tolerar.

Entretanto, até Yubaba e o Sem Rosto não estão presos às suas imperfeições, e podem mudar. A bruxa controla seus funcionários, mas também reconhece conquistas (quando Chihiro limpa o Kami do rio), e tem muito amor para dar ao seu bebê, apesar de ser apenas em formas de presentes e bajulação. Zeniba, irmã de Yubaba, também demonstra isso. Pode-se dizer que ensinam a Chihiro o bem e o mal, mas enquanto Yubaba tem suas qualidades, Zeniba se mostra perigosa e defensiva, a ponto de ameaçar Haku por agir como agente de sua maléfica irmã, sem considerar que este estava sob controle dela. Porque pessoas com más intenções tem a quem proteger, e até pessoas boas às vezes podem se mostrar ignorantes. O Sem Rosto, por outro lado, parece tão curioso quanto perdido, e sua jornada com Chihiro para encontrar Zeniba também pode ser vista como uma vontade de mudar – ou encontrar algo dentro de si, especialmente depois de vomitar toda aquela gente que ele engoliu.

No fim, Chihiro se refere tanto à Yubaba quanto à Zeniba como “vovós”, mostrando que as duas são sábias em suas próprias maneiras. Yubaba traz o melhor nos outros por meio do desafio e trabalho, enquanto Zeniba gosta de observar e revelar o mesmo por meio do diálogo. Ao fim do dia, são duas faces da mesma moeda.

O filme demonstra esperança de que o Japão possa equilibrar o avanço econômico com sua herança espiritual, sobretudo pelo reconhecimento da importância desse equilíbrio. Igualmente, enquanto produzia esse filme, Miyazaki estava ponderando a possibilidade de passar o trabalho para seus sucessores da Ghibli (algo que ele continua indeciso sobre até hoje). Na época, o mundo da animação estava sendo revolucionado por ferramentas digitais, enquanto o próprio filme, à tradição da Ghibli, foi feito por mecanismos tradicionais de animação. Dessa forma, tanto pelos cenários do filme inspirado no século XIX e XX e nas suas casas pseudo-ocidentais em contraste com as tradicionais orientais, quanto pela forma da sua produção, o filme externaliza a importância de considerar a história da arte e sua tradição, não abrindo mão para o excesso em prol do lucro e do consumo – algo que infelizmente vemos em alta na disputa comercial dos serviços de streaming.

A grande temática de “A Viagem de Chihiro” parece ser, com uma certa certeza, crescer, mas seu criador, Miyazaki, não parece concordar com essa abordagem, até porque a passagem do tempo da história é muito curta. Em vez disso, ele afirma que se trata de uma história em que “[os personagens] tiram algo que já estava presente dentro deles, retirado por conta das circunstâncias particulares”. Chihiro começa a história perdida e assustada, com nenhum desejo além de poder voltar a sua vida normal. Ao fim, ela se mostra independente e decidida, além de ter feito novas amizades e reatado certos laços antigos. De onde vem essa força que a move e traz confiança, a ponto até de vencer a bruxa Yubaba em um desafio enganoso que poderia custar sua liberdade?

Não crescemos em um vácuo, com obstáculos artificiais. Crescemos enfrentando nosso próprio reflexo em constante mudança, nosso

espírito, e confrontando aquilo que nos impactou subconscientemente, as mazelas da história que sobrevivem até hoje, e que podem acabar nos superando. Temos que, inevitavelmente, encarar esses seres “atemporais” (em comparação a nós) que tinham nossas vidas em suas mãos antes mesmo de nos darmos conta. Encaramos também as decisões dos nossos pais e carregamos essa herança em frente; tomamos como parte de nós toda boa alma que nos ajudou um dia, todo elemento que compôs nossa infância e crescimento como uma memória que com nostalgia sentimos prazer e necessidade de retornar, para poder refletir nossa existência e poder fechar o capítulo.



Chihiro é a protagonista do filme “Viagem de Chihiro” (2001), filme de fantasia do Studio Ghibli. A direção é de Hayao Miyazaki



Foto de Miyazaki Hayao, fundador do Studio Ghibli e diretor de Viagem de Chihiro (2001)

Somos, sem perceber, naturalmente escritores, e como Chihiro, procuramos resgatar nosso próprio nome. Automaticamente tentamos fazer sentido das coisas, criando histórias e procurando lições, às vezes quase nos levando a loucura, sobretudo em face da perda e da separação. Que lição tirar do fim, daquilo que não tem após, não tem mensagem? É por isso que precisamos de tantos conceitos de pós vida. Até mesmo um ateu, ao encarar o impacto de alguém após sua morte, pode sentir nessas reverberações o resquício de uma alma, assim como ao visitarmos álbuns de memórias, brinquedos, e antigas escolas, vemos a desoladora imagem da "cova da infância", onde enterramos nossos sonhos de criança e fazemos as pazes para seguirmos em frente.



**TALES B. PAIM** (2003)

*Sou um escritor brasileiro, coisa recente, pouco a se ver (por enquanto). Espero que gostem do que leem! "Leem" é uma palavra super estranha, aliás...*

# Valeu por especular

até o mês que vem!

*Todo o conteúdo desta revista será postado no blog do site. Sinta-se à vontade para comentar e criar uma rede de especulação por conta própria!*

[www.revistaespecular.com.br/blog](http://www.revistaespecular.com.br/blog)

Editoração por BIANCA DE SOUZA  
GABRIEL MELLO

Design e diagramação por GABRIEL MELLO